

Mandjuandadi: o tecido sociocultural e político de mulheres em Guiné-Bissau¹

Mandjuandadi: the sociocultural and political fabric of women in Guinea-Bissau

Mandjuandadi: el tejido sociocultural y político de las mujeres en Guinea-Bissau

Peti Mama Gomes²

Resumo: Este artigo resulta de uma comunicação³ realizada durante uma das atividades organizadas pela Associação dos Estudantes Guineenses da Universidade Federal de Santa Catarina, no contexto das celebrações dos cinquenta anos de independência da Guiné-Bissau. O objetivo é descrever, com base em vivências, experiências e dados etnográficos coletados entre agosto e dezembro de 2018, no âmbito de uma pesquisa de mestrado, no Programa Associado de Pós-graduação em Antropologia UFC-UNILAB, realizada em Canchungo e Bissau, Guiné-Bissau, o impacto dos grupos de *Mandjuandadi* na vida sociocultural e política das mulheres em coletivos. As *Mandjuandadis* desempenham um papel importante na promoção da solidariedade comunitária, na transmissão intergeracional de tradições e ensinamentos culturais, assim como na organização social das *tabancas* (aldeias), estabelecendo hierarquias e papéis sociais de mulheres. A pesquisa evidencia a importância dessas práticas para a coesão social e a preservação da identidade sociocultural das comunidades e bairros envolvidos.

Palavras-chave: Guiné-Bissau; *Mandjuandadis*; *Mulheres*; Etnografias.

Abstract: This article is the result of a communication carried out during one of the activities organized by the Association of Guinean Students at the Federal University of Santa Catarina, in the context of the celebrations of Guinea-Bissau's fifty years of independence. The objective is to describe, based on experiences, observations and ethnographic data collected between August and December 2018, as part of a master's degree research in the UFC-UNILAB Associate Postgraduate Program in Anthropology carried out in Canchungo and Bissau, Guinea-Bissau, the impact of *Mandjuandadi* groups on the sociocultural and political lives of women in collectives. *Mandjuandadis* play an important role in promoting community solidarity, in the intergenerational transmission of traditions and cultural teachings, as well as in the social organization of *tabancas*

¹ Agradeço à AEGUISC pelo convite para participar desta discussão, organizada no contexto das celebrações dos 50 anos de independência da Guiné-Bissau. É uma grande honra estar aqui para compartilhar um pouco sobre os grupos de Mandjuandadis como um coletivo de mulheres.

² Doutora em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA) da Universidade Federal do Pará (UFPA), com mestrado em Antropologia pelo Programa Associado de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Ceará (UFC) e da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). Atualmente, é professora substituta no Instituto de Humanidades da UNILAB/CE. Email: mamapety92@unilab.edu.br

³ O tema do convite para minha conferência foi: "Impacto da *Mandjuandadi* na sociedade Bissau-guineense: Como a *Mandjuandadi* influenciou a coesão social, os valores culturais e a estrutura das comunidades ao longo da história".

(villages), establishing hierarchies and social roles for women. The research highlights the importance of these practices for social cohesion and the preservation of the sociocultural identity of the communities and neighborhoods involved.

Keywords: Guinea-Bissau; *Mandjuandadis*; Women; Ethnographies.

Resumen: Este artículo es el resultado de una comunicación realizada durante una de las actividades organizadas por la Asociación de Estudiantes Guineanos de la Universidad Federal de Santa Catarina, en el contexto de las celebraciones de los cincuenta años de la independencia de Guinea-Bissau. El objetivo es describir, a partir de vivencias, observancias y datos etnográficos recopilados entre agosto y diciembre de 2018, como parte de una investigación de maestría en el Programa Asociado de Posgrado en Antropología de UFC-UNILAB realizada en Canchungo y Bissau, Guinea-Bissau, el impacto de los grupos *Mandjuandadi* en la vida sociocultural y política de las mujeres en colectivos. Los *Mandjuandadis* juegan un papel importante en la promoción de la solidaridad comunitaria, en la transmisión intergeneracional de tradiciones y enseñanzas culturales, así como en la organización social de las tabancas (aldeas), estableciendo jerarquías y roles sociales para las mujeres. La investigación destaca la importancia de estas prácticas para la cohesión social y la preservación de la identidad sociocultural de las comunidades y barrios involucrados.

Palabras clave: Guinea-Bissau; *Mandjuandadis*; Mujer; Etnografías.

Palavras iniciais⁴

“*Mandjuandadi* pode ser interpretado de diversas maneiras. Para nós, as reuniões quinzenais são uma forma de vivenciar *Mandjuandadi*. Nessas ocasiões, compartilhamos notícias sobre os acontecimentos em nossa tabanca, discutimos os problemas que cada uma enfrenta e buscamos formas de apoiar umas às outras. Os temas abordados – como questões familiares, desafios com maridos e filhos, além de problemas na comunidade e no Estado – inspiram as letras das músicas que cantamos” (Notas de caderno de campo, Ana Maria Bandeira, integrante do grupo de *Mandjuandadi Babock*, 20 de setembro de 2018).

A *Mandjuandadi* Amizade de *Babock*, da qual Ana Maria Bandeira faz parte, está situada em Canchungo, na região de Cacheu, no norte da Guiné-Bissau. Esta região foi invadida em 1558 e a primeira administração colonial portuguesa foi estabelecida no século XVII. As comunidades de *Babock*, localizadas no oeste de Cacheu, incluem um grupo de mulheres que foi o foco da pesquisa no mestrado. A pesquisa foi realizada em Reno Utia-Côr, predominantemente habitada por indivíduos da etnia Mandjaku. *Babock* é um subgrupo que engloba várias tabancas, como

⁴ Agradeço sinceramente Ana Gretel Echazú Böschemeier e Paulo Anos Té, pelas generosas leituras e pelos comentários perspicazes que fizeram sobre este texto.

Utia-Côr, Pentchewan, Canou, Bará, Capol, Badjope, Blequisse, Cadjindjassa, Tchualam, Petabe e Beniche. Portanto, o termo “*Babock*” representa um conjunto de *tabancas* na área ao redor de Cacheu, formando uma ampla rede de comunidades.

Nessas comunidades e *tabancas*, as mulheres de diferentes faixas etárias organizam-se coletivamente em formas de *Mandjuandadis* para atividades agrícolas, fundamentadas na amizade e na convivência comunitária. Portanto, *Mandjuandadi em si* representa um espaço onde suas participantes experimentam uma liberdade plena. Neste ambiente, mulheres expressam-se livremente sem restrições; como dizia Maria Odete da Costa Soares Semedo: “lá se pode cantar, ostentar o seu pano ou vestido novo, brincar, ser maliciosa e livre, dar vazão aos seus sentimentos, inclusive à sua sensualidade, tanto nos versos que canta quanto na sua performance enquanto dança (Semedo, 2010, p. 135).

As *Mandjuandadis* possuem uma tradição que ultrapassa cem anos e, atualmente, são observadas nas grandes cidades como Bissau (no setor autônomo), Bolama e Cacheu. Embora tenham incorporado novas características ao longo do tempo, elas preservam as formas de solidariedade das comunidades locais que são fundamentais para sua essência (Semedo, 2010). Assim, esta comunicação inicia-se com o histórico em fragmentos pessoais a partir das *Mandjuandadis* no interior da Guiné-Bissau, especificamente em Canchungo, minha cidade natal, norte do país. Não diria que é uma história que retoma categoricamente a *Mandjuandadi* como uma tradição social e cultural ativa em diversas localidades geográficas do país; ao contrário, foca-se no papel coletivo⁵

⁵ Durante a minha comunicação, uma participante questionou se as *Mandjuandadis* se encaixam mais como um grupo ou como um coletivo. Expliquei que a resposta pode variar dependendo da região e da finalidade dos indivíduos envolvidos. No entanto, o exemplo de *Amizade de Babock* se encaixam melhor como um coletivo, pois se refere a um grupo de indivíduos, principalmente mulheres, unidas por causas comuns, como a luta contra a opressão e a promoção de direitos específicos, sem uma estrutura rígida. Em geral, movimentos sociais e formas de resistência contemporâneas tendem a ser vistos como coletivos devido à sua flexibilidade e à natureza dinâmica de suas ações, especialmente nas regiões Leste, Norte e Sul do país.

que as mulheres têm construído nas *tabancas* e bairros desta cidade e afins. Neste artigo, começo com uma narrativa do impacto das *Mandjuandadis* em Canchungo e; posteriormente, abordo como essas instituições têm desempenhado e continuam a desempenhar um papel ativo na promoção da coesão social, preservando e fortalecendo os valores culturais do país.

Fragmentos do passado: memórias de encontros no interior de Canchungo

A memória, que é compartilhada e ao mesmo tempo pessoal, ressalta que a sociedade guineense é etnicamente diversa, compreendendo mais de 20 grupos étnicos, conforme os dados do Instituto Nacional de Estatística da Guiné-Bissau (INE-GB, 2006). Entre os principais grupos estão os *Balantas*(*Brasa*), *Fulas*, *Mandingas*, *Mandjakus*, *Pepelis*, *Mancanhis*, *Beafadas*, *Budjugus*, *Fulup*, *Cassangas*, *Banhus*, *Baiotes*, *Sussos*, *Saracolés*, *Balanta-Mané* e *Nalus*. Cada comunidade local possui suas próprias línguas, culturas e tradições, o que enriquece a diversidade sociocultural do país. A Guiné-Bissau está dividida em Sul, Norte e Leste, sendo o português a língua oficial, enquanto o crioulo guineense (*Kriol*) é amplamente falado e funciona como língua franca. Neste contexto, a minha memória se concentra na região do norte do país, especificamente, em Canchungo, onde a maioria da população pertence à etnia *Mandjaku*.

Quando era criança, por volta dos oito anos, costumava participar das reuniões de mulheres em uma *tabanca* chamada Petabe, interior de Canchungo, onde, tanto a minha mãe biológica, quanto a minha mãe de consideração, fazia parte e ainda fazem. Naquela época, ouvia com muita atenção as vozes dessas mulheres, absorvendo as suas experiências pessoais. É difícil de explicar, mas sentia uma firmeza em suas palavras, combinada com uma presença ativa. O interessante era que ouvia histórias contadas por minha mãe e tias durante esses encontros, *histórias* que nunca foram compartilhadas dentro de nossa casa. Hoje, presumo que esse ambiente de compartilhamento também abrigava certos “segredos”, histórias e conhecimentos que eram transmitidos, exclusiva-

mente, entre essas mulheres. Esses encontros não foram somente um espaço para trocar experiências, mas, sobretudo, um local onde informações e saberes específicos eram transmitidos.

Permitam-me avançar com cuidado para que possam me acompanhar. Uma curiosidade compartilhada pelas mulheres com os meus irmãos e comigo, levou-nos a entrar em contato com os grupos de mulheres de Petabe, hoje, conhecidos como *Mandjuandadis*. Naquela época, o nome usado era “*M’botai*”, que significa “associação de mulheres” ou “coletivo feminino”. Essa experiência nos proporcionou uma compreensão mais familiar da importância desses encontros. Na verdade, esses momentos não se resumiam a reuniões casuais, mas eram espaços onde as participantes de diferentes idades compartilhavam histórias, conhecimentos e saberes transmitidos ao longo de gerações. Como criança curiosa, absorvia essas informações transmitidas de maneira oral.

As narrativas contadas por meio de músicas e danças nesses encontros não se limitavam a fatos cotidianos. Muitas vezes, envolviam histórias de vida das participantes, desafios superados, questões socioeconômicas, casamentos e colheitas. A seguir à música “*lanta oh* [vença]”, composição coletiva de *Mandjuandadi Amizade de Babcock*, retrata um exemplo cotidiano de uma mãe solo. Ela engravidou de seu namorado, que a abandonou durante a gravidez. E quando a sua filha nasce, seu genitor quis se aproximar delas. As mulheres cantam juntas em *Kriol* dizendo:

<p><i>Lanta oh! Lanta! Meninu</i> <i>Lanta di febrí oh,</i> <i>Nha fidju lanta!</i> <i>Lanta di febrí oh nha kode</i> <i>Nha fidju dimioo, Djédjé</i> <i>Passa kasabi pabia diboo, nha fidju</i> <i>Odjam ku dus mis oh</i> <i>Bu pape abandonam</i> <i>Odjam ku bu bariga oh, Djédjé</i> <i>Fica na kuda</i> <i>kim ki na pedi pa i nenim ki nha</i> <i>rainha</i> <i>Odja i kuri dimi</i> <i>I bim na misti nenim oh</i> <i>Pa i sedu si fidju!</i> <i>Nunca nka seta oh!</i> <i>Omi ngratu bai oh, bai oh</i> <i>Omi ngratu bai oh, bai oh</i> <i>Djitu ka tendê</i> <i>Omi ngratu bai oh, bai oh</i></p>	<p>Minha filha, vença! Vença esta doença, minha amada! Minha filha, Djédjé Passava dificuldade por conta de ti, minha filha Quando tinha dois meses de gestação Seu pai abandonou-me Estava grávida de ti, Djédjé Quando ele me abandonou Pensava que ia me acolher Juntamente com minha rainha Porém, ele veio a querer Considerar-lhe como filha dele Nunca aceitarei isso Homem ingrato pode ir, pode ir oh! Homem ingrato pode ir, pode ir oh! Não tem problema Homem ingrato pode ir, pode ir oh!</p>
---	--

Fonte: Tradução minha.

As composições são resultados de suas vivências cotidianas, ou seja, são inspirações de experiências delas e de suas colegas nas *tabancas* ou bairros vizinhos. Também retratam questões do âmbito sociopolítico e econômico em suas músicas. Essas mulheres eram (e ainda são) guardiãs da cultura e da memória de Petabe. Por meio de suas palavras, ainda criança, eu podia perceber a preservação da identidade dos *mandjakus* através do vestuário, da língua e da dança, transmitida de ‘geração em geração’ (Hampaté Bâ, 2010). Neste caso, o “*M’botai*”, além de ser um espaço para compartilhar histórias, era também um lugar seguro para discutir questões relevantes para as mulheres da *tabanca*. Assuntos como maternidade coletiva, relações familiares e sociais eram abordadas de maneira aberta e franca. A troca de experiências e conselhos nesses encontros enriquecia a compreensão coletiva e fortalecia os laços entre as mulheres de *Petabe*.

Essas vivências moldaram a minha visão de mundo e nutriram o meu respeito e admiração pelos coletivos femininos da minha região. Diria, na verdade, que essas experiências movem o meu ser feminino na academia e fora dela. Assim, durante a graduação e, posteriormente, no mestrado, retornei essa memória coletiva como pano de fundo para minha pesquisa acadêmica em Antropologia. Esse interesse surgiu da necessidade de compreender como as memórias compartilhadas por mulheres de diferentes idades e condições sociais influenciam a sua identidade cultural, práticas sociais e narrativas vivas que marcam gerações. A minha pesquisa resultou em teorizações sobre o trabalho coletivo feminino no país de modo geral e, especificamente, em Canchungo e Bissau.

Assim, acredito que, narrar memórias e vivências de mulheres no interior de Canchungo e extensão de Bissau por meio de uma perspectiva especificamente feminina, a *Mandjuandadi*, é o resultado de um exercício de comunicação baseado em uma experiência antropológica de pesquisa. Foram estratégias e abordagens que desenvolvi durante a minha dissertação de mestrado no Programa Associado de Pós-Graduação em Antropologia da UFC-UNILAB. Vale ressaltar que essas experiências etnográficas não resultaram somente de uma pesquisa de campo realizada na

região de Cacheu, no setor de Canchungo, e na capital, Bissau, em 2018. Elas fazem parte de mim, da minha história, da história das mulheres da minha vida. São histórias que têm ligação viva com uma formação teórico-política que se iniciou em 2014 na UNILAB, durante minha graduação em Humanidades. Essa formação se alinha com princípios que Roberto Cardoso (2000) considera elementos-chave ou essenciais para a construção do conhecimento nas ciências sociais e, particularmente, na Antropologia: “o olhar, o ouvir e o escrever”.

Logo, “estar presente em *Mandjuandadi* é estar em um espaço que nos proporciona muitos saberes, onde falamos dos nossos desejos, nossos problemas e vontades comuns, e outras coisas. É uma forma de entender a nossa realidade enquanto mulheres” [...], diz Tina Gomes, uma das participantes da *Mandjuandade Amizade de Babock* (Canchungo, 2019). Cada uma dessas identificações faz referência a um universo compartilhado de atividades cotidianas e de engajamento sócio-político feminino no país.

Tecendo uma(s) história(s)

As *Mandjuandadis*, enquanto espaços sociais de encontro majoritariamente frequentados por mulheres de diferentes faixas etárias, surgem da necessidade de construir um espaço público no qual possam compartilhar saberes, experiências e se ajudarem mutuamente (Gomes, 2019). É fundamental reconhecer que existem formas de existência nos espaços públicos que vão além dos modelos predominantes dos Estados Unidos e da Europa. Como já evidenciado pela Nancy Fraser (1990) a crítica de Ryan, Brooks-Higginbotham e outros estudiosos, o público burguês nunca representou o público como um todo. Na verdade, enquanto o público burguês emergia, surgiam também uma série de ‘contrapúblicos’ concorrentes, “como públicos nacionalistas, públicos de camponeses, públicos de mulheres de elite, públicos negros e públicos da classe trabalhadora. Portanto, sempre houve públicos concorrentes, e não apenas a partir do final do século XIX e início

do XX, como sugerido por Habermas” (p. 09).

Os grupos de *Mandjuandadis* no interior da Guiné-Bissau podem ser analisados sob a perspectiva do “Contrapúblico”, visto que formam seus próprios espaços públicos, distintos e alternativos ao espaço dominante, formal ou hegemônico, representado pela elite política guineense. As *Mandjuandadis*, como coletivos de indivíduos – mulheres e homens – que se reúnem em torno de causas comuns, é possível que sejam vistas como formas de resistência social e movimentos que desafiam as estruturas tradicionais do país. Essas organizações não possuem uma estrutura rígida e funcionam de maneira coletiva, respondendo às questões sociais e políticas dentro de circunstâncias particulares. Vale lembrar que cada grupo de *Mandjuandadi* tem propósitos de organização social. Por exemplo, em um contexto específico do meu estudo antropológico de mestrado sobre *Mandjuandadi di Amizade de Babock*, em Canchungo, encontramos mulheres que dominam “as atividades relacionadas ao trabalho agrícola, com base na amizade e convivência comunitária entre mulheres de diferentes faixas etárias” (Gomes, 2019, p. 64).

Em sendo assim, em um contexto mais amplo na Guiné-Bissau, as *Mandjuandadis* têm como uma das suas bases a promoção e o fortalecimento da voz das mulheres em diversos contextos: econômico, social e, principalmente, cultural (Borges; Freitas, 2005; Semedo, 2010; Moreira, 2017; Gomes et al. 2019). E depois, “os grupos de *mandjuandadi* acalentam e promovem o discurso no feminino, num cenário institucional dominado pela figura masculina⁶” (Moreira, 2017, p. 91). Quer dizer, em um cenário político formal dominado por homens, as mulheres, em suas coletividades, participam ativamente, ocupando papéis importantes no público informal que fortalecem e ampliam as perspectivas femininas em âmbitos locais, regionais, comunitários ou nacionais. Esses espaços também servem para criar novas formas de resistência, denunciando opressões

⁶ Os grupos de *Mandjuandadi* atuam como contrapeso a essa dominância, fornecendo um contraponto feminino significativo.

institucionais, o machismo e a violência.

É comum encontrar grupos de *mandjuandadis* em diversos bairros de Bissau, nas zonas urbanas, semiurbanas, periféricas e rurais, assim como em várias regiões do país. Os encontros de mulheres, como a *Mandjuandadi*, procuram espaços seguros onde as supracitadas possam expressar as suas opiniões, compartilhar experiências e discutir questões relevantes para vida delas (Gomes, 2019). Os grupos de *Mandjuandadis Amizade de Babock* são interseccionais, congregando diferentes gerações e classes sociais. Nas regiões, setores ou comunidades e *tabancas*, encontramos heterogeneidade na composição do coletivo, que representa uma interseção de diversas identidades e experiências, contendo pessoas de diferentes idades, origens sociais, etnias e áreas geográficas. Essa diversidade de gerações, classes sociais, etnias e regiões é parte integrante da cooperação relacionada ao trabalho agrícola, à amizade e à convivência comunitária, entre outros aspectos. Em seguida, são apresentadas imagens fotográficas das mulheres de *Mandjuandadi* em Canchungo.



Foto: arquivo pessoal.



Foto: arquivo pessoal.



Foto: arquivo pessoal.

As fotos fazem parte do arquivo de exercício visual, capturadas em Canchungo durante uma pesquisa etnográfica em 2018 e 2020. Elas retratam a presença de mulheres em um casamento tradicional de uma das integrantes do grupo de *Mandjuandadis*. As imagens mostram a diversidade dos trajes, a manifestação das riquezas culturais das etnias e a exibição de símbolos que representam a força feminina ou a tradição familiar. Juntas, as mulheres cantam, dançam, comem e celebram. É uma celebração de encontros e de riqueza cultural dos *Mandjakus*. As cores e objetos, por exemplo, simbolizam alegrias em celebrar momentos especiais com a presença de amigos e familiares. A terceira fotografia evidencia o lugar étnico (*Mandjakus*) culturalmente plural, assim como as posições de hierarquias.



Foto: arquivo pessoal, panos di pinti.



Foto: arquivo pessoal, casamento tradicional Mandjaku.

Um estilo cultural das mulheres *Mandjakus* durante o casamento manifesta-se pelo uso de roupas que representam a sua posição social e identidade étnica. A noiva, Paulete Pereira, minha tia por parte de pai, ao vestir o pano de *Pinti*, expressa sua ligação com o patrimônio guineense. O pano de *Pinti*, com suas diversas variantes, é utilizado em várias ocasiões e rituais, como: em

eventos políticos, moda, cerimônias fúnebres, casamentos tradicionais, decorações, etc. (Gomes, 2019).

No contexto de *Bënim* (casamento tradicional), são privilegiados estilos e desenhos coloridos que as participantes das *Mandjuandadis* devem usar, narrando a história familiar da mulher prestes a passar pela cerimônia. Antes de *Bënim*, a noiva, geralmente, passa por um período de reclusão. A cerimônia de casamento em si dura mais de uma semana, com festividades, acontecendo separadamente na casa da noiva e na casa do noivo. Durante a celebração entre familiares, convidados e acompanhantes, grupos de mulheres em *Mandjuandadis* se ocupam coletivamente dos convidados, que se divertem com música e dança.

Diante do que foi exposto, é possível descrever alguns impactos da *Mandjuandadi* na sociedade bissau-guineense, além da música e da dança. Esses grupos funcionam como espaços de solidariedade e coesão social, promovendo relações de apoio mútuo, especialmente, em tempos difíceis. Eles criam redes de suporte fundamentais, exemplificadas pelo conceito de “*abota*”⁷, que fortalece os laços entre as participantes e oferece assistência necessária em momentos desafiadores: “As mulheres têm uma preocupação maior em solidarizar com as colegas, através dos encontros e trabalhos feitos para arrecadar fundos, que podem ser emprestados por algum membro do grupo caso haja uma necessidade, principalmente econômica” (Gomes, 2019, p. 56). São locais de partilha de valores culturais, ou seja, os encontros semanais ou quinzenais de mulheres desempenham um importante papel na promoção e na manutenção das culturas da sociedade bissau-guineense. Estes encontros são pertinentes para a preservação das línguas maternas, abarcando o *guineense-kriol*, e das identidades étnicas e práticas culturais do país.

Durante esses eventos, que, geralmente, ocorrem no final do dia, as mulheres se reúnem na

⁷ “Uma *Abota* agrupa um número variável e instável de membros, recrutados a partir de interesses financeiros individuais de poupança, com base em relações de confiança mútua, de vizinhança e principalmente de trabalho” (Borges, 2005, p. 12).

casa de uma participante ou em locais específicos para tocar música, cantar, dançar e se divertir por várias horas. Além de servirem como reuniões sociais, esses encontros celebram e transmitem aspectos indispensáveis da cultura guineense - as línguas. Em Guiné-Bissau, uma parte fundamental da identidade cultural do país, é preservada nas músicas de *Tina* e *Gumbé*, lideradas por mulheres e homens. *Tina* (criação de mulheres de Cacheu) quanto ao *Gumbé* são gêneros musicais que se originaram da fusão de diferentes estilos musicais tradicionais na Guiné-Bissau. *Tina*, por exemplo, é apreciada por seu ritmo rápido, envolvente e convidativo para a roda de dança. Também “na realização de encontros de *mandjuandadi*, a cabaça e o pano são igualmente dois objetos essenciais: é na cabaça que é colocada a quota de cada membro do grupo; é a cabaça o instrumento de percussão usado para o toque da tina; nas cabaças são servidas as comidas para as *mandjuas* [coetâneas]” (Semedo, 2010, p. 114). Logo, as danças e o uso de *Panus* de *Pinti* e *cabaças* são elementos culturais importantes que contribuem para a coesão social no país.

Portanto, destaco ainda o papel das *Mandjuandadi* na construção de uma consciência política coletiva ativa. As mulheres que participam desses encontros, a título de exemplo, compõem músicas autorais que são divulgadas nas rádios comunitárias. Por meio dessas músicas, elas expressam críticas sociais às questões políticas, denunciando as injustiças em setores como educação, saúde e trabalho formal. Para mais, os grupos servem como agentes de reforço da conscientização política, influenciando outros membros da sociedade bissau-guineense e não só as mulheres. As suas músicas e composições que chamam a atenção para problemas estruturais políticos e, sobretudo, que encorajam a participação cívica e a discussão ativa sobre as questões importantes, como a irresponsabilidade dos nossos governantes e as desigualdades de gênero. Essas vozes são importantes na luta por uma sociedade mais sensível às causas femininas na promoção de mudanças em nível local e nacional.

É de suma importância lembrar que pertencer a um grupo de *Mandjuandadi* nos faz desen-

volver, “uma habilidade, uma linguagem, uma expressão. Mas é também um modo de acessar e pertencer à experiência de ser mulher guineense (...). Trata-se, igualmente, de um espaço de aprendizagem, onde elas têm a oportunidade de tocar um instrumento, cantar e dançar, práticas que são valorizadas pelo grupo (Gomes, 2019, p. 94).

Considerações finais

Os espaços predominantemente femininos em Canchungo e em Guiné-Bissau, de modo geral, são importantes para o compartilhamento de saberes e para a construção coletiva. Por exemplo, as jovens participantes aprendem sobre a cultura, a história, os instrumentos e os valores, entre outros aspectos. As mulheres mais velhas da comunidade ou do bairro transmitem conhecimentos e sabedorias culturais e étnicas. Assim, o senso de continuidade e pertencimento dentro das diversas facetas *do ser, do estar e do pertencer a comunidade e tabanca dos Manjakus* e em outras etnias é mantido mediante o coletivo e o respeito pelos mais velhos(as), e vice-versa. Deste modo, o exercício desta comunicação foi demonstrar uma perspectiva circular-ancestral das experiências femininas em coletividades de Canchungo e da Guiné-Bissau, contribuindo para a literatura do país e, sobretudo, para a bibliografia africanista de gênero.

Sob uma ótica antropológica, o texto auxilia a compreensão das práticas culturais e dos espaços de compartilhamento de saberes femininos e da transmissão de conhecimentos étnicos, aspectos negligenciados ou mal interpretados em estudos mais amplos sobre a cultura africana. Apesar de seu tamanho populacional reduzido, a Guiné-Bissau revela-se um vasto campo de práticas culturais e outras formas de organização femininas. Este trabalho convida futuras(os) pesquisadoras(es) a investigar a fundo como as mudanças sociais e econômicas contemporâneas, impulsionadas pelo capitalismo e pela globalização, influenciam a tradição oral e a transmissão de conhecimentos culturais em outras regiões do país. Pois, acredita-se que, ao analisar as práticas em outras regiões (Sul e Leste), podemos aprofundar a nossa compreensão do fenômeno da coletivi-

dade feminina em *áfricas* e em Guiné-Bissau.

Referências bibliográficas

BORGES, Maria Manuela. As mulheres em África: dinâmicas informais de socialização, educação, reprodução e inovação cultural. Universidade Nova de Lisboa: *Revista Educação em questão*, v. 22, n. 8, p. 7-33, jan./abr., 2005.

BORGES, Manuela; FREITAS, Joseania Miranda. Relações de Alteridades e Identidades: mandjuandadis na Guiné Bissau e a Irmandade da Boa Morte na Bahia. *Impulso (Online)*, 17 (43), p. 91- 103, 2006.

FRASER, Nancy. Rethinking the Public Sphere: A Contribution to the Critique of Actually Existing Democracy. *Source: Social Text*, nº. 25/26, p. 56-80, 1990. Published by: Duke University Press Stable. URL: <http://www.jstor.org/stable/466240>. Accessed: 17/02/2011.

HAMPATÉ BÂ, Amadou. A tradição viva. In: ZERBO, J. K. (org.). *História Geral da África I*. Brasília: MEC/Unesco, 2010.

GOMES, Peti Mama. *Mulheres em associação na Guiné-Bissau: gênero e poder em Babock e Bontche*. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Universidade Federal do Ceará e Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira. Programa Associado de Pós-graduação em Antropologia. Fortaleza, 2019.

OLIVEIRA, Luiz Roberto Cardoso de. *O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever*. Brasília: Paralelo 15, São Paulo: Editora UNESP, 2000.

SEMEDO, Maria Odete da Costa. *As Mandjuandadi: cantigas de mulher na Guiné-Bissau: da tradição oral à literatura*. Tese (Doutorado em Literaturas de Língua Portuguesa). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2010.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA E CENSOS - INEC, Guiné-Bissau. Nova Gráfica, Lda, 2014. Disponível em: <http://www.stat-guinebissau.com/publicacao/GB_Numerofinal_Publica%C3%A7%C3%A3o1.pdf>. Acesso em: 17 de agosto de 2016.